



Velhas e Novas Cirandas: Música para Fagote e Orquestra. Fábio Cury, fagote. Orquestra Amazonas Filarmônica. Regência: Luiz Fernando Malheiro e Marcelo de Jesus. São Paulo: Clássicos – CLA0015, 2010*

*Aloysio Fagerlande***

O CD *Velhas e novas cirandas: música para fagote e orquestra* é um disco inteiramente dedicado ao repertório brasileiro nessa categoria. Duas novas obras, os concertos de André Mehmari e Antônio Ribeiro, estão ao lado de outras de nomes consagrados, como Mozart Camargo Guarnieri e Heitor Villa-Lobos. Os intérpretes são Fábio Cury, fagote, e a Orquestra Amazonas Filarmônica, com regência de Luiz Fernando Malheiro e Marcelo de Jesus.

Cury é professor de Fagote da USP e doutorando em Música pela mesma universidade, foi aluno de Paulo Justi em seu curso de graduação pela Unicamp e de Klaus Thunemann na Escola Superior de Teatro e Música de Hannover, na Alemanha, como bolsista do Serviço de Intercâmbio Acadêmico Alemão (DAAD).

A primeira obra do CD é o *Concerto para fagote, cordas e harpa*, de André Mehmari, escrito em 2009. Pianista, compositor e arranjador, Mehmari nasceu em Niterói em 1977, e em poucos anos tornou-se autor de composições e arranjos para algumas das formações orquestrais e de câmara mais expressivas do país, como a Osesp, o Quinteto Villa-Lobos, a OSB e o Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo, entre outras. Segundo o próprio compositor, “composto em três movimentos, em janeiro de 2009, o concerto apresenta um vasto gestual fagotístico, percorrendo a tessitura do instrumento e explorando seus recursos expressivos. A obra é dedicada ao vir-

*Produção: Artematriz. Gravações realizadas no Teatro Amazonas em Manaus, em 08/2009 (Mehmari e Ribeiro) e 10/2009 (Guarnieri e Villa-Lobos). Engenheiro de som e masterização: Igor Jouk. www.classicos.com.br; www.lojaclassicos.com.br

** Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: alysiofagerlande@yahoo.com.br



tuoso Fábio Cury”. Devido à instrumentação, imediatamente vem à lembrança um dos ícones do repertório fagotístico do século XX, o *Concerto para fagote, cordas, harpa e piano*, de André Jolivet, escrito em 1954. Dedicada ao grande fagotista francês Maurice Allard, professor do Conservatório Superior de Música de Paris, entre 1957 e 1988, a obra é considerada um dos grandes paradigmas do repertório mundial para fagote, sobretudo por sua imensa exigência técnico-musical. No concerto de Mehmani, com três movimentos – “Burleske”, “Lamento” e “Fagode, Pacote” – o tratamento dado ao fagote solista lembra bastante a escola francesa de composição, responsável pela decisiva transformação por que passou o repertório do instrumento, desde a revolução provocada por Stravinsky e seu *Sacre*, em Paris no ano de 1913. A obrigatoriedade de uma peça inédita nos concursos de fim de ano do Conservatório de Paris levou inúmeros compositores franceses, ou mesmo estrangeiros radicados na França, a escreverem para o fagote obras virtuosísticas, do ponto de vista da técnica e da interpretação. Dentre eles, podemos citar Paul Pierné, Henri Dutilleul, Henri Tomasi, Alexandre Tansman, Jean Françaix e o próprio Jolivet. A Burleske inicial, com caráter *giocoso* e bem humorado, apresenta um fagote saltitante e bastante ágil. O Lamento revela todo o lirismo do qual o fagote é capaz, com ênfase no registro agudo do instrumento. Já o terceiro movimento – “Fagode, Pacote” – é tecnicamente o mais complexo, e Mehmani brinca com alguns aspectos do choro e outros ritmos populares, com o intuito de valorizar a capacidade de articulações ligeiras do fagote.

No encarte, Fábio Cury justifica o curioso jogo de palavras do título do último movimento, ao contar como uma professora primária, certa vez, confundindo o termo “fagote” com “pagode”, corrigiu indevidamente um aluno, filho de fagotista. Coincidentemente, há vinte anos, o mesmo aconteceu comigo, meu filho João Pedro e sua professora. Tais episódios, embora divertidos, bem ilustram a desinformação de que o fagote tem sido alvo.

Nessa primeira obra destaca-se imediatamente o enorme talento, a intensa musicalidade e o domínio absoluto da técnica fagotística de Fábio Cury. Todas as passagens difíceis transformam-se em pura fluidez musical, proporcionando grande prazer ao ouvinte.

Antônio Ribeiro, compositor do *Concertino para Fagote e Orquestra de Câmara*, a segunda obra do CD, nasceu em Cataguazes, Minas Gerais, em 1971. Aluno de Osvaldo Lacerda e Camargo Guarnieri, lecionou na Unesp e na Escola Municipal de Música de São Paulo, entre outras instituições. Em 2007, recebeu o Prêmio Funarte na Bienal de Música Contemporânea Brasileira como melhor compositor de obra vocal, e seu já vasto catálogo de obras abrange formações diversas, que vão do piano solo até a orquestra sinfônica, passando pela música eletroacústica. O próprio compositor assim descreve sua obra:



O *Concertino para Fagote e Orquestra* possui dois movimentos e orquestração reduzida. São previstas cordas, flauta, oboé, clarinete e par de trompas, além do solista. O primeiro movimento é uma releitura do ambiente seresteiro urbano com uso da tonalidade expandida. Cabe ao fagote exibir linhas baseadas no melodismo próprio da seresta que, no entanto, são constantemente deformadas para a obtenção de perfis melódicos angulosos e desafiadores para o instrumentista. O segundo movimento explora o fagote em suas diversas possibilidades de articulação e extensão. Há um intenso diálogo entre o solista e os demais instrumentos de sopro que atuam quase como coprotagonistas. A obra encerra com uma longa e virtuosística cadência na qual são citados os principais elementos temáticos apresentados ao longo dos dois movimentos. O *Concertino* foi composto entre o fim de 2008 e o início de 2009 e é dedicado ao extraordinário fagotista Fábio Cury.

Esse *Concertino* em dois movimentos, “Andante muito expressivo” e “Rápido”, apresenta certa similaridade com as soluções de orquestração encontradas em obras para fagote com uma orquestra acrescida de alguns sopros. Francisco Mignone, com o seu *Concertino para Fagote e Orquestra de Câmara*, de 1957, e José Siqueira, com o *Concertino para Fagote* de 1969, também escreveram pensando em um fagote *concertante* que sempre dialoga com os sopros da orquestra. O possível problema da falta de equilíbrio entre o solista e a orquestra, nestes casos, é resolvido através de uma orquestração que jamais o prejudique.

Nessa gravação a mixagem de som privilegia o fagote, em detrimento dos outros instrumentos como a flauta e o oboé, que poderiam ter uma participação mais ativa nos diálogos propostos pelo compositor. É uma opção bem específica da gravação, o que provavelmente não aconteceria em uma execução ao vivo.

A terceira obra do CD, o *Choro para fagote e orquestra de câmara*, é de autoria de Mozart Camargo Guarnieri, que empregou com frequência a designação “choro”, além da tradicional “concerto”. O termo já havia sido usado em 1929 referindo-se a três peças breves para variados conjuntos instrumentais, em que duas delas utilizavam instrumentos característicos do choro, como o cavaquinho, e a outra o tradicional quinteto de sopros – flauta, oboé, clarineta, trompa e fagote. A última, o Choro nº 3, peça considerada desaparecida pelo catálogo *Camargo Guarnieri – O Tempo e a Música* (Silva, 2001), encontra-se no Instituto de Estudos Brasileiros da USP; foi digitalizada e revisada, além de gravada em primeira mão pelo Quinteto Villa-Lobos, em 2006, no CD *Quintetos de Sopro Brasileiros, 1926–1974*. A opção pelo termo deu-se, sobretudo, a partir de 1951, com o *Choro para violino e orquestra*,



logo após a famosa *Carta Aberta*, “no momento mais combativo da vida do compositor em prol do nacionalismo musical”, segundo Lutero Rodrigues. Os termos “Choro” e “Concerto” continuaram a coexistir, entretanto; não havendo maiores diferenças formais entre ambos.

Este *Choro para fagote e orquestra de câmara*, de 1991, foi uma das últimas obras de Guarnieri, escrita por encomenda da Secretaria de Estado de Cultura, de São Paulo. Em depoimento ao maestro Lutero Rodrigues, o autor contou que escolheu o fagote porque gostava muito de seu som e nunca havia composto nada para ele. Por sugestão de Lutero, Guarnieri dedicou a obra ao fagotista Afonso Venturieri, brasileiro radicado na Suíça, primeiro fagote da Orquestra da Suisse Romande e professor do Conservatório de Genebra. A estreia mundial deu-se um ano e meio após a morte do compositor, em 17 de julho de 1994, no 25º Festival de Inverno de Campos de Jordão, com o próprio Afonso Venturieri e a Orquestra de Câmara de Curitiba, sob a regência de Lutero Rodrigues. A obra é constituída de dois movimentos, Improvisando – Calmo e Allegro. O primeiro, de inspiração seresteira, é precedido de uma longa seção em recitativo, em que a parte do fagote deve soar como um grande improviso. O segundo movimento apresenta diversos ritmos brasileiros estilizados, como o baião, em que a acentuação terá papel fundamental. A versão utilizada nesse CD passou por uma revisão do compositor Antônio Ribeiro, aluno de Guarnieri em seus últimos anos. Este Choro foi editado em 2006 pela Editora da Fundação Osesp, com revisão musicológica de Thomas Hansen, a partir de duas fontes: a fotocópia do manuscrito-autógrafo do acervo da própria Osesp, e uma versão autógrafa presente no acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

O repertório brasileiro de concerto para fagote solo iniciou-se em 1933, com a *Ciranda das Sete Notas*, de Heitor Villa-Lobos. Já com certa experiência na escrita para o instrumento – cumpre evocar sua genial música de câmara para sopros incluindo o fagote, como o *Trio* (1921), o *Noneto* (1923), o *Choros nº 3 “Picapau”* (1925), o *Choros nº 7 “Settimino”* (1924), o *Quatuor* (1928), o *Quinteto em Forma de Choros* (1928) – Villa-Lobos apresenta aqui uma grande fantasia para fagote e orquestra de cordas, utilizando as sete notas da escala musical como um dos motivos, sem esquecer a bela ciranda apresentada inicialmente pelas cordas na seção final da obra.

Um dos maiores equívocos que ainda se comete é afirmar que as obras de Villa-Lobos não possuem uma estruturação musical consistente. Possivelmente este equívoco acontece devido ao “marketing”, alimentado pelo próprio compositor, de ser autodidata. A *Ciranda das Sete Notas* encontra-se entre essas peças erroneamente avaliadas. Aqui não vem ao caso analisá-la formalmente, mas suas seções são racionalmente interligadas, algumas vezes com motivos resgatados da música folclórica, como a ciranda final. Na edição impressa pela Peer Music encontram-se erros fundamentais para a correta interpretação desta obra. O principal deles é a



indicação do andamento da seção final, justamente o da ciranda apresentada pelas cordas. O *Meno*, escrito na partitura, não se refere à seção anterior, e sim à valsa imediatamente anterior a esta. Todos os que estudaram com Noel Devos, o grande mestre do fagote no Brasil, obtiveram essa informação, fundamental para uma correta execução da *Ciranda das Sete Notas*. Neste CD, mesmo com diferentes concepções de fraseado ou de articulação, a interpretação de Fábio Cury apresenta grande coerência interna, fundamental a qualquer leitura da obra de Villa-Lobos.

No todo, ressalta-se o brilhante trabalho da Orquestra Amazonas Filarmônica e seus regentes, Luiz Fernando Malheiro e Marcelo de Jesus, na valorização deste importante repertório brasileiro para o fagote.

A apresentação gráfica do CD é de extremo bom gosto, tem algumas dificuldades que poderiam ter sido contornadas. O texto explicativo, do próprio Fábio Cury, é extremamente difícil de ler, em virtude dos tipos pequenos e sem contraste com a cor da página. Faltou também uma ficha técnica mais detalhada, que indicasse, por exemplo, o modelo de microfones utilizados na gravação. São detalhes que em nada diminuem a importância deste CD, no qual a musicalidade e o talento de Fábio Cury nos premiam com duas novas obras brasileiras para fagote e orquestra, além da primeira gravação do *Choro* de Camargo Guarnieri e de uma excelente interpretação da *Ciranda* de Villa-Lobos.

ALOYSIO FAGERLANDE é Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutor em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio, 2008); Mestre em Música (UFRJ, 1995); Especialização (1987) com o título "Prix de Virtuosité" pelo Conservatoire National de Rueil-Malmaison, França; Bacharel em Fagote (UFRJ, 1987) sob a orientação de Noël Devos. Atua intensamente como camerista e solista, além de 1º fagotista de orquestras brasileiras. Atualmente integra o Quinteto Villa-Lobos. Realizou diversas primeiras audições mundiais e recebeu prêmios no Brasil e exterior.

